

INTERNACIONAL

Após União Europeia, Mercosul se volta para Ásia com início de negociações com Japão

Para Santiago Peña, a possível parceria com o país asiático é “um passo histórico que abre as portas para uma das economias mais fortes do mundo”

Assunção - Encaminhado o acordo com a União Europeia, em vigor desde maio, o Mercosul agora se volta para o mercado asiático, e o início das negociações com o Japão, anunciado oficialmente na última terça-feira (30), é o principal carro-chefe dessa tendência.

Para Santiago Peña, anfitrião da cúpula do Mercosul que ocorreu nesta semana no Paraguai e presidente temporário do bloco, a possível parceria com o país asiático é “um passo histórico que abre as portas para uma das economias mais fortes do mundo”.

“Os japoneses são bons amigos e um dos melhores aliados que podemos ter em nosso bloco”, afirmou o paraguaio no discurso de abertura da reunião dos líderes. Estão presentes também Yamandú Orsi

(Uruguai), Rodrigo Paz (Bolívia), José Antonio Kast (Chile) e Daniel Noboa (Equador), além do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o segundo a falar.

“Nesta Cúpula, daremos mais um passo ao lançar as negociações de uma parceria econômica com o Japão. Em breve, queremos fazer o mesmo com a China e seguir nos aproximando dos mercados mais dinâmicos do planeta”, afirmou o petista.

O acordo foi divulgado neste mês após uma reunião entre Lula e primeira-ministra japonesa, Sanae Takaichi, às margens da cúpula do G7, em Évian-les-Bains, na França. No entanto, o anúncio oficial, ao menos para o Mercosul, foi guardado para a reunião no Paraguai.

O bloco terá a primeira rodada de um acordo de prefe-

rências tarifárias com o Vietnã e tenta aprofundar um acordo, atualmente visto como muito restrito, com a Índia. Há ainda um tratado de livre comércio em fase final com os Emirados Árabes Unidos.

Recentemente, entrou em vigor o acordo de livre comércio entre Mercosul e Singapura, assinado em 2023 no Rio de Janeiro. Diante desse cenário, há a expectativa de que a negociação com a Coreia do Sul seja retomada após cinco anos paralisada em fevereiro, o presidente sul-coreano, Lee Jae-myung, afirmou que pretendia resgatar as conversas após reunião bilateral com Lula em Seul.

Fora da Ásia, o Reino Unido manifestou interesse em firmar uma parceria comercial com o Mercosul, segundo o Itamaraty afirmou na semana passada. A ideia é que as



Lula na Cúpula do Mercosul em Assunção, no Paraguai

negociações não comecem do zero, já que Londres participou das conversas do acordo do bloco sul americano com o europeu até sair da UE, em 2020. Há ainda a fase final de um acordo de livre comércio com o Canadá.

Apesar dos diversos anúncios, a entrada em vigor dos acordos citados pode demorar anos. No caso do bloco europeu, as negociações demoraram 26 anos.

Grupo com quase 400 jornais processa OpenAI e Microsoft nos EUA por copiar textos

Londres - Um grupo de editoras que representa quase 400 jornais apresentou uma ação contra a OpenAI e a Microsoft nos Estados Unidos, acusando as big techs de usarem conteúdo sem autorização para treinar modelos de inteligência artificial, informou a agência de notícias Bloomberg.

No processo, apresentado no dia 24 de junho em um tribunal de Nova York, as empresas de mídia afirmam que chatbots como ChatGPT e Microsoft Copilot geraram bilhões de dólares em valor de mercado para suas companhias usando o trabalho dos jornais, que não receberam nenhum pagamento por isso.

Segundo os jornais, OpenAI e Microsoft copiaram sem autorização e de forma sistemática conteúdos originais dos sites dos jornais para treinar seus modelos de IA. “A menos que as empresas que desenvolvem produtos de IA sejam responsabilizadas pelo uso indevido do conteúdo das editoras, o boom da IA será o golpe de misericórdia para o jornalismo local.”

As companhias dizem na ação que, mesmo gastando bilhões de dólares para proteger direitos autorais dos jornais, não conseguiram impedir que o material fosse copia-

do. As editoras pedem indenização por danos estatutários e medida cautelar por violação de direitos autorais.

Em comunicado enviado à Bloomberg, o porta-voz da OpenAI, Drew Pusteri, afirmou que os modelos da empresa “impulsionam a inovação, são treinados com dados disponíveis publicamente e estão fundamentados no uso justo”. A Microsoft não respondeu imediatamente ao pedido da agência.

A ação se junta a uma lista de pelo menos 115 litígios de veículos jornalísticos, escritores e artistas contra companhias especializadas em IA, mapeados pela plataforma “ChatGPT is eating the world”.

As empresas de IA americanas negam as acusações nos centenas de processos em andamento. Elas argumentam na Justiça que a utilização de reportagens e livros para desenvolver chatbots é “uso justo”, quando não é preciso pagar; elas defendem que os robôs não reproduzem conteúdo das obras, e sim entregam algo transformado, como um humano faria. Também pleiteiam uma leitura dos direitos autorais mais abrangente, que não freie a inovação no setor.

Depois de 10 anos, brexit ainda divide Reino Unido com onda de ‘bregret’

Londres - Em junho de 2024, dias antes de ser eleito premiê, o trabalhista Keir Starmer disse que o debate em torno da volta do Reino Unido à União Europeia causaria um “tumulto indesejável”. Passaram-se dois anos, Starmer perdeu a cadeira de primeiro-ministro na véspera dos dez anos do brexit, e a discussão sobre o tema - um elefante na sala do número 10 da Downing Street - parece agora inevitável.

Os britânicos experimentam um sentimento apelidado de “bregret”: junção das palavras “Britain” e “regret” (arrependimento). Muitos deles saíram às ruas no final de semana pedindo uma reaproximação com a União Europeia.

Um levantamento do YouGov, um dos principais institutos de pesquisa do Reino Unido, mostra que 56% dos cidadãos do país consideram o brexit um erro, contra 31% que ainda apoiam o resultado do referendo de 23 de junho de 2016. Na ocasião, 51,9% dos eleitores votaram a favor, contra 48,1%.

Entre os arrependidos está Dani Loughran, diretora de uma distribuidora de produtos químicos na região metropolitana de Londres. Sua empresa foi obrigada a abrir

subsidiárias em outros países europeus para seguir exportando.

“Criamos vários empregos, mas quase todos na Polônia e na Alemanha”, disse Loughran em documento publicado pelo Financial Times. O corte do acesso fácil ao continente é uma queixa frequente dos empresários.

“Os conservadores britânicos achavam que o Reino Unido, com o brexit, poderia virar uma espécie de Noruega, próximos à UE, mas com liberdade para fazer acordos com outros países”, diz Daniel Pineu, professor da Universidade de Amsterdã. “Esse objetivo não se concretizou, e os britânicos dificultaram o comércio com seu principal mercado.”

O debate em torno do brexit, em 2016, polarizou o país. Os defensores da medida queriam mais controle da imigração e acreditavam numa era de prosperidade com o aumento da autonomia do país. Os que se opunham previam uma recessão econômica de proporções catastróficas.

Passada uma década, os cenários extremos não se confirmaram. O que se vê, objetivamente, é uma lenta decadência, como num corpo afetado por uma doença crônica.